



Academia, raça, gênero e decolonialidade*

Academia, race, gender and decoloniality

Joaze Bernardino-Costa¹

Luíza Bigonha Saldanha²

Resumo: O artigo investiga a produção de conhecimento acadêmico de estudantes negras, indígenas e periféricas da Universidade de Brasília, buscando entender de que forma esta transformou-se a partir da diversificação do corpo discente. A experiência vivida é usada como recurso de interpretação da realidade e como repertório para um fazer científico histórico-culturalmente situado. Argumenta-se que estamos presenciando, mesmo que de forma embrionária, um movimento de ruptura com uma tradição sociológica marcada por uma oposição entre o tradicional e o “moderno”, o corpo e a alma, o mundo sensível e o mundo inteligível. Portanto, com base nos achados de Bernardino-Costa; Borges (2021) e Borges; Bernardino-Costa (2022), este artigo constitui-se num esforço de valorização de outros saberes e outras formas de produção do conhecimento para além do pensamento colonial.

Palavras-chave: Estudos Decoloniais. Ações Afirmativas. Racialização. Educação Superior.

Abstract: This article investigates the production of academic knowledge by black, indigenous, and peripheral students at the University of Brasília, seeking to understand how this has changed as a result of the diversification of the student body. Lived experience is used as a resource for interpreting reality and as a repertoire for historically and culturally situated scientific work. The article argues that we are witnessing, even if in an embryonic way, a movement to break with a sociological tradition marked by an opposition between the traditional and the “modern”, the body and the soul, the sensible world and the intelligible world. Therefore, based on findings of Bernardino-Costa; Borges (2021) and Borges; Bernardino-Costa (2022), this article constitutes an effort to value other types of knowledge and other forms of knowledge production beyond colonial thinking.

Keywords: Decolonial Studies. Affirmative Action. Racialization. Higher Education.

¹ Doutor em Sociologia (Universidade de Brasília). Professor da Universidade de Brasília. E-mail: joazebernardino@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9937-893X>.

² Graduanda em Sociologia (Universidade de Brasília). E-mail: luizabigonha@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9217-8251>.

* Artigo recebido em 21 de outubro de 2024. Aceito para publicação em 13 de dezembro de 2024.

OGUNHÊ

Puro Suco (2020)

A periferia é o terror do plano
A fita é que a cidade é linda
Só que é mais ainda quando nós tamo
Gritando o que acreditamos
Sim, eu vou seguir sonhando
Para que o mal não me pegue
Pra que os olhos não me vejam
Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge
Para que os inimigos tenham olhos e não me vejam
Tenham braços e não me toquem
Tenham pés, mas não me alcancem
Aperto quem perto se encontra
A cumplicidade nos solta, tamo junto
Os que soma pra sair da bolha
Sempre sabe quem não colabora
Sem pergunta de múltipla escolha
Bora bora, bora agora, mas vamo sem pressa
Meu sorriso agoniza, aterroriza a cisma da má intenção

Introdução

Primeiramente, ao apresentar esta pesquisa, pensamos ser de suma importância declara que uma das autoras deste texto é uma mulher branca, enquanto outro autor é um homem negro. Seria incoerente redigir este trabalho, tão atrelado à questão racial, e não reconhecer o lugar dentro da branquitude que uma das autoras ocupa. Desta forma, busca-se esclarecer de que lugar se fala, uma vez que não há neutralidade possível ao realizar esta pesquisa, qualquer que seja esta. Assim, reconhece-se o lugar de fala dos autores, uma mulher branca e um homem negro, que se debruçam sobre pesquisas de uma mulher negra, uma mulher periférica e uma mulher indígena.

Dito isto, é imperativo reconhecer nossas interlocutoras: Beatriz Ester Mendes Santana, Braulina Baniwa e Gabriela Costa, como coautoras. Graças a estas mulheres foi possível realizar este trabalho. Temos imensa gratidão por nos confiarem e compartilharem seus saberes e percepções, tão ricos e valiosos.

Neste estudo, propõe-se um olhar integral e histórico-culturalmente situado (Vygotski, 1984). Para além de uma percepção dual que enquadra fenômenos complexos em bom ou ruim, feio ou bonito, incompetente e brilhante, eu e **outro**, busca-se apreender as complexidades, sutilezas e tenuidades que permeiam a produção de conhecimento dentro da Universidade de Brasília.

No eixo de produção de conhecimentos foram vistas, nos últimos anos, importantíssimas mudanças tanto na constituição do corpo discente e, em menor medida, do corpo docente. Em relação a estas mudanças, destaca-se, como fator

determinante, a implementação da Lei de Cotas, sancionada em agosto de 2012, que prevê: i) no seu Artigo 1º, a reserva de 50% das vagas para graduação em instituições federais de ensino superior para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas ii) das vagas estabelecidas no Artigo 1º, é estabelecido, em parágrafo único, que 50% destas deverão ser reservadas a estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1 salário mínimo per capita (Redação dada pela Lei nº 14.723, de 2023) iii) em seu Artigo 3º, que as vagas reservadas deverão ser preenchidas por candidatos autodeclarados pretos, pardos, indígenas e quilombolas (PPIQ) e por pessoas com deficiência em proporção igual ou maior à proporção de pretos, pardos, indígenas, quilombolas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação em que está situada a instituição de ensino, segundo o censo mais recente feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

À medida que as políticas de ação afirmativa avançaram, o acesso de pessoas de baixa renda, periféricas, racializadas, oriundas de escolas públicas e com deficiência foi ampliado. A perspectiva de ingressar nas universidades passou a desenhar-se no horizonte destes estudantes, que passaram a colorir e diversificar a universidade branca, cartesiana, inacessível e colonial.

Com esse movimento de dessenhorização (Bernardino-Costa e Borges, 2021; Borges, e Bernardino-Costa, 2022), passam a ser produzidos, no seio do mundo acadêmico, saberes antes postos à margem da universidade. Quando esta deixa de ser a casa-grande e passa a ser atravessada por corpos permeados de subjetividades, marcados por dinâmicas histórico-sociais e acumuladores de vivências e conhecimentos não-hegemônicos. Consequentemente, há um movimento também em outra direção em que a universidade atravessa as cercas do engenho para ver o quilombo, os povos indígenas, a sabedoria ancestral, a cultura tradicional e popular, em toda sua riqueza e potência. Obviamente que o fluxo do movimento de pessoas com trajetórias e experiências de vida não hegemônicas e não privilegiadas (população negra, indígena, quilombola, PCDs etc) é maior e mais notado do que o movimento da universidade em direção a estas populações. Este fluxo inicia um processo lento de transformação na forma de produção de conhecimento, que foi tema da nossa pesquisa.

Abordagens Metodológicas

Após a adoção das primeiras políticas de ação afirmativa no início dos anos 2000, no âmbito da graduação (Cf. Bernardino-Costa, 2023;), e a partir de 2016 no âmbito da pós-graduação (Bernardino-Costa e Borges, 2021; Borges e Bernardino-Costa, 2022; Bernardino-Costa, Borges, Ferreira e Carlos, 2024), evidencia-se

não somente uma mudança demográfica do o corpo estudantil das universidades brasileiras, mas também um processo de diversificação epistêmica na academia, em que as dimensões de raça e gênero passam a desempenhar um papel fundamental na produção do conhecimento. Baseado nas caras teses da geopolítica e corpo-política do conhecimento, estudantes negras e negros, indígenas, quilombolas desenvolvem suas pesquisas e intervenções políticas de uma perspectiva cara ao establishment, a saber de uma perspectiva decolonial (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres, Grosfoguel, 2019), em que a subjetividade e experiência de vida são levadas em consideração na produção de monografias, dissertações e teses.

Tendo como base a valorização das subjetividades do/a estudante ao produzir conhecimento, assim como observando a importância das vivências e atravessamentos sociais, raciais econômicos e identitários para a trajetória acadêmica do/a estudante, assim como para seus estudos, a pesquisa foi desenvolvida de acordo com uma abordagem de investigação participativa, influenciada por trabalhos de Paulo Freire, sobretudo Pesquisa Participante (1981) e Pedagogia da Autonomia (1996).

Assume-se aqui uma proposta de fazer científico que investiga não objetos de estudo, mas entes afetados/as por uma problemática, que contribuem diretamente com a pesquisa de que participam, com o intuito de, coletivamente, desenvolver ferramentas para que se possa pensar uma universidade plural, democrática, acessível e de qualidade. Pensando que não é possível evitar a interferência da subjetividade do/a pesquisador/a em seu fazer científico, propõe-se um caminho de construção coletiva, uma vez que

Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade (Freire, 1996, p. 86).

Como corpus de nossa pesquisa, foram analisados os seguintes TCCs e suas especificidades: “Saúde Reprodutiva e Gênero: Levantamento Bibliográfico de Produções Sobre Mulheres em Gestação de Alto Risco” de Beatriz Santana; “O desafio sociocultural de mulheres Baniwa na contemporaneidade: análise e reflexão sobre as práticas de saberes indígenas, formação, educação e cuidado com o corpo”, de Braulina Baniwa e “Pioneirismo e Memória: Uma Sociobiografia da Socióloga Negra Virgínia Leone Bicudo” de Gabriela da Costa Silva.

Uma vez que este trabalho se baseia no diálogo, cuidado e construção coletiva, foram realizadas entrevistas, para melhor apreender os contextos de cada uma das autoras, assim como a experiência de cada discente dentro da Universidade e suas vivências em um ambiente racialmente diverso. A divulgação dos resultados das mesmas, assim como a identificação de minhas interlocutoras foi

autorizada pelas mesmas através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Durante as entrevistas pode-se conhecer sobre o processo de escrita dos trabalhos estudados, assim como referências e epistemologias que fundamentaram os TCCs. Além disso, a partir da valorização do diálogo e de uma ecologia de saberes, foi mantido constante diálogo com as entrevistadas, de forma que estas foram parte ativa da construção da pesquisa.

A experiência vivida das nossas interlocutoras entra como recurso de interpretação da realidade e como repertório para um fazer científico que não se propõe universal, mas histórico-culturalmente situado, em um movimento de ruptura com uma tradição sociológica marcada por uma hierarquia entre o tradicional e o “moderno”, o corpo e a alma, o mundo sensível e o mundo inteligível. Em suma, envidamos esforços para reconhecer o valor dos saberes para além do modo de pensar colonial.

“Porque ele também sou eu”: estratégias para uma decolonialidade do saber

Ismália

Emicida (2019)

Um dia vai tá nos conforme
 Que um diploma é uma alforria
 Minha cor não é um uniforme
 Hashtags PretoNoTopo, bravo!
 80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo
 Quem disparou usava farda (mais uma vez)
 Quem te acusou, nem lá num tava (banda de espírito de porco)
 Porque um corpo preto morto é tipo os hit das parada
 Todo mundo vê, mas essa porra não diz nada
 Olhei no espelho, Ícaro me encarou
 Cuidado, não voa tão perto do Sol
 Eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei
 O abutre quer te ver drogado pra dizer: Ó, num falei?!
 No fim das contas é tudo Ismália
 (...)
 Primeiro, sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles
 Nega o Deus deles, ofende, separa eles
 Se algum sonho ousa correr, cê para ele
 E manda eles debater com a bala de vara eles, mano
 Infelizmente onde se sente o Sol mais quente

O pensamento cartesiano fundamentou e fundamenta o fazer científico eurocentrado. Para que um conhecimento seja válido, ele deve ser produzido a partir de uma posição de neutralidade, de modo que o sujeito, produtor de conhecimento, observa seu objeto de estudo e, através de uma reflexão interna formula proposições universais e generalizáveis sobre os fenômenos observados. Nesta dinâmica, a experiência vivida é desconsiderada, uma vez que as percepções sensi-

veis estão opostas à “racionalidade”. Assim, saberes tradicionais e conhecimentos dissidentes são taxados como inferiores e ultrapassados.

O passado, então, é terra infértil, da qual se deve deslocar radicalmente para, através da razão, obter o progresso. Progresso este que não pertence a nenhuma localização geopolítica, que esquece suas origens, homogêneo e universal.

Propostas como a de Beatriz Santanaem “Saúde Reprodutiva e Gênero: Levantamento Bibliográfico de Produções Sobre Mulheres em Gestação de Alto Risco” indicam uma ruptura com o cânone colonial da academia. Através de produções pautadas no diálogo e não em uma relação hierárquica entre sujeito e objeto, e da valorização da experiência vivida, abrem-se precedentes para a construção de saberes que se situam política e epistemologicamente.

A partir do ingresso de estudantes racializado/as e pertencentes às comunidades tradicionais, muito impulsionado pela política de cotas, ascendem metodologias inclusivas pautadas na empatia, no diálogo e na valorização e acolhimento das emoções dos interlocutores do pesquisador. Aqui, os/as sujeitos/as envolvidos/as na troca de saberes, assim como os/as pesquisadores/as, são também produtores/as de conhecimento.

Beatriz desenvolve sua pesquisa a partir de suas vivências ao longo de seu estágio em um hospital em Santa Maria (Região Administrativa de Brasília), onde atuou na área da maternidade e UTI neonatal. A partir do contato com mulheres gestantes de alto risco, a autora sensibilizou-se a pensar mais profundamente a questão da atenção às mulheres gestantes. Propondo um olhar integral, Santana pensa as diferentes esferas que envolvem a saúde, sobretudo saúde reprodutiva; fatores sociais, culturais, psicológicos, econômicos, étnico-raciais e comportamentais.

Na feitura da pesquisa, a sensibilidade é motor de um fazer científico responsável e dotado de intencionalidade. Como parte da realidade que retrata, a autora é capaz de atingir um nível de compreensão e imersão diferenciado daquele do pesquisador externo. Evidencia-se este caráter a partir de falas da autora como:

A gente percebe que aquele sujeito, ali não é só um objeto, **ele também sou eu**. Então eu acredito que a gente se reconhece, né? E eu acho que isso foi um dos pontos que me chamou muita atenção quando eu fazia o meu estágio. Porque é uma realidade muito próxima da minha.

Até então, a gente tem essa ideia de que está tudo certo, está tudo bem, e quando a gente passa a atuar, trabalhar, a gente vê. Não está tudo bem, as pessoas estão numa situação de calamidade. Me chocava muito essa situação em que a pessoa mora duas ruas abaixo da minha e está passando fome, deu entrada no hospital porque estava desnutrida (...)

Eu acho que essa coisa de trazer o trabalho mais para perto, é mais nesse sentido mesmo, de se reconhecer. É entender que, até pouco tempo atrás, provavelmente, eu estaria nessas estatísticas ou que eu seria esse objeto de

estudo e agora eu estou analisando ele, mas não de uma maneira a me colocar como superior, mas de maneira a tentar trazer a importância disso ser falado” (Beatriz Santana, entrevista realizada em 2023).

Para pensar o trabalho “Saúde Reprodutiva e Gênero: Levantamento Bibliográfico de Produções Sobre Mulheres em Gestação de Alto Risco”, é necessário também considerar a trajetória da autora dentro da universidade. Primeira de seu núcleo familiar a graduar-se, Santana enfrentou desafios para permanecer na Universidade de Brasília. Passando horas de seu dia em transportes públicos, a ex-estudante passava por três ônibus para conseguir chegar à universidade, onde tomava seu café da manhã. O acesso gratuito ao Restaurante Universitário, garantido pelo auxílio estudantil, garantia à Beatriz sua alimentação no período em que permanecia no campus Darcy Ribeiro, geralmente das 8 da manhã às 7 da noite.

Entretanto, as dificuldades para a permanência continuam grandes para os demais estudantes em situação socioeconômica semelhante à de Beatriz Santana, levando muitos à evasão, uma vez que o acesso ao auxílio socioeconômico não é fácil e somente estudantes em situação de grande vulnerabilidade econômica conseguem acessá-lo. Além disso, a burocracia necessária para obter o auxílio muitas vezes priva estudantes de benefícios urgentes, como: a gratuidade do Restaurante Universitário, o auxílio pecúnia ou vaga em moradias estudantis.

Além disso, a impossibilidade de conciliar estudos e trabalho, uma vez que muitos cursos somente são ofertados no período diurno, e as longas horas em transporte público para chegar à universidade ainda privam muitos de permanecerem na graduação.

Pesquisar junto: escuta, conexões e cuidado na antropologia indígena

Fique Viva

Brisa Flow (2018)

Tive que aprender a me amar, ficar de pé
 Pra depois aprender a voar, manter a fé
 Fico viva mais um dia
 Jogo as drogas na pia
 Leio antropologia
 Lavo meu corpo com sais
 Essa terra tem sangue dos ancestrais
 Estado de alerta
 Fique viva, se prepare
 São dias e noites de amor e guerra
 Fique viva, fique viva!
 A linha de Fronteira se rompeu
 Bala trocada, bala achada
 Essa bala procura a cor, procura amor

Para pensar transformações na produção de conhecimentos no âmbito da Antropologia, foi escolhido o Trabalho de Conclusão de Curso “O desafio sociocultural de mulheres Baniwa na contemporaneidade : análise e reflexão sobre as práticas de saberes indígenas, formação, educação e cuidado com o corpo”, de Braulina Baniwa, antropóloga indígena da Universidade de Brasília.

O texto de Braulina Baniwa aborda as produções de conhecimentos indígenas pensando território, gênero, relações familiares, acesso à educação e direitos dos povos indígenas, apropriando-se de conceitos hegemônicos na antropologia, como a pureza e perigo de Mary Douglas (1966), sem deixar de lado sua carga de saberes tradicionais e a intencionalidade de sua prática de pesquisa.

O texto tem como base a questão das mulheres indígenas e sua relação com seus territórios. Desta forma, é feita uma investigação em relação às dinâmicas de produção de saberes, muito atrelada ao cuidado, afeto e à oralidade e “ a importância das mulheres como detentoras do conhecimento milenar de cuidado do corpo, inclusive fora do território.” (Baniwa, 2018, p. 9).

Logo na temática do trabalho, já é descolonizada a perspectiva antropológica acerca da temática migração. A percepção da autora sobre território é ponto de partida para a discussão de processos migratórios, levantada no texto. Aqui, território, no contexto dos povos do Alto Rio Negro, articula-se como uma rede tecida por estruturas simbólicas, recursos naturais, produção de saberes, cultura, relações sociais, sistemas de trabalho, espaços físicos, biodiversidade local e uma série de outros aspectos que compõem a realidade de um grupo étnico.

Desta forma, a migração de que Braulina Baniwa fala propõe uma ruptura com o conceito utilitarista de território, à medida que os elementos do mesmo – biodiversidade, ancestralidade, espaço de desenvolvimento do trabalho e cultura e espiritualidade- não se dissociam uns dos outros. Não há relação de hierarquia entre o ser e o espaço, uma vez que estes estabelecem relação dialética, um produzindo o outro.

Ao organizar a discussão sobre territorialidade e espaços vitais para a reprodução da vida material e imaterial de maneira holística, a autora descoloniza a concepção de que o etnógrafo pode se ausentar de sua definição como sujeito, como se houvesse objetividade possível no estudo antropológico e pouco importasse a posição interpretativa do pesquisador.

Braulina se debruça sobre a transformação religiosa da comunidade Baniwa – através do trabalho de missionários que “converteram” os indígenas a católicos ou evangélicos e aponta as consequências da conversão religiosa compulsória para seu povo: “O saber indígena se tornou errado e indesejável, ficou como impuro, antropológicamente falando, para o mundo das mulheres.” (p. 71).

A dimensão de gênero também se articula como um pilar central para a discussão acerca da transmissão e produção de conhecimento pelo povo Baniwa. Nessa dinâmica, as mulheres têm papel fundamental de mantenedoras do conhecimento milenar: “Diferentemente de muitos estudiosos que dizem que este é apenas transmitido de forma patrilinear” (Baniwa, 2018, p 10). Evidencia-se uma interseccionalidade na abordagem da questão da saúde. O olhar atento para as múltiplas facetas que permeiam saúde e produção de saberes indígenas, temas intrinsecamente ligados, só é possível a partir do rompimento com a separação ontológica (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres, Grosfoguel, 2019) em uma decolonialidade do saber.

Quando o pesquisador branco observa através de suas lentes as dinâmicas sociais e epistemológicas de um povo, é muito comum que haja equívocos em sua compreensão dos mesmos. Se o fazer científico do/a pesquisador/a não é pautado no diálogo e na construção coletiva, certamente cairá na objetificação de seus/suas interlocutores/as.

Se o recorte de gênero sobre as relações de cuidado e produção de conhecimento do povo Baniwa for feito a partir de uma perspectiva ocidental e eurocentrada sobre protagonismo feminino, facilmente se chegará à conclusão de que os homens são as figuras centrais nesses processos. A tentativa de propor hierarquias simples para relações sociais complexas gera uma visão determinista sobre estas. Além da complexa organização social dos povos do Alto Rio Negro, onde homens e mulheres realizam papéis distintos, porém indissociáveis e igualmente importantes, há a questão do processo de conversão religiosa destes povos, que muito transformou as dinâmicas sociais.

No entanto, para pensar a questão das missões religiosas em territórios indígenas e seus impactos, deve-se levar em consideração a complexidade do assunto, mantendo em vista que cada etnia, cada clã, e cada indivíduo terá uma percepção distinta e válida deste processo. O que argumentamos neste trabalho é a possibilidade da coexistência de mundos possíveis, de forma a combater a monocultura do saber cristalizada no meio acadêmico.

A presença de pessoas indígenas, negras, e quilombolas na universidade é um avanço, mas insuficiente se estes precisam embranquecer-se para caber nos espaços de produção de conhecimento. Como colocou Braulina Baniwa em nossa entrevista, há muitos obstáculos para a inserção e permanência de estudantes indígenas no meio acadêmico, lhes é esperado que deixem de lado sua cultura e suas tradições, abandonando suas formas tradicionais de saberes para que se insiram no cânone colonial da produção científica:

O único momento em que a antropologia quase me fez desistir foi um momento em que a gente fez uma nota de repúdio ao departamento de antropologia, que exigia o português técnico para os povos indígenas. A gente se

sentiu muito discriminado, um racismo, de fato, institucional. Na ciência da antropologia, os povos indígenas nunca exigiram deles aprenderem as línguas para (os antropólogos brancos) adentrarem nos territórios. Isso foi muito colonizador. (...) Foram professores que trabalhavam com os indígenas, e falavam dos indígenas exigindo esse processo (da exigência do português técnico para indígenas na Universidade) (Braulina Baniwa, entrevista realizada em 2023).

Torna-se evidente ao ler produções como a de Braulina Baniwa, a pungente necessidade de transformar a docência, ainda muito branca, cartesiana e colonial. Precisamos ler pessoas negras, quilombolas e indígenas. Mais do que isso, precisamos de pessoas negras, quilombolas, indígenas ensinando e enriquecendo os espaços acadêmicos com suas perspectivas. Para além do tradicional trabalho de campo, onde um homem branco investiga um povo com o qual nunca teve contato, precisamos de mais Braulinas, que produzem ciência a partir de um lugar sensível, da escuta, da familiaridade e ancestralidade.

Memória e afetividade: um fazer científico pautado no cuidado

Identidade

Jorge Aragão (1992)

Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história

Se preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade

Seguindo a metodologia de análise de Trabalhos de Conclusão de Curso, foi ainda estudado o texto de Gabriela da Costa Silva, “Pioneirismo e Memória: Uma Sociobiografia da Socióloga Negra Virgínia Leone Bicudo”. A autora realiza um resgate da trajetória da socióloga e psicanalista Virgínia Bicudo, mulher negra pioneira nos estudos sobre racismo no campo das ciências sociais do século XX e primeira não médica a ser reconhecida psicanalista no Brasil.

A pesquisa sobre Virgínia veio de um lugar sensível para Gabriela da Costa Silva, que possuía grande admiração pela figura da socióloga, assim como se identificava com diversos aspectos de sua trajetória. Apesar da importância de Bicudo para a sociologia das relações raciais, a autora ainda é pouco incluída em ementas de disciplinas do curso de ciências sociais. Devido a exclusão de autores negros e indígenas da academia, assim como a marginalização de produções de pessoas

negras e indígenas, há uma invisibilização da importância destes para a produção de saberes, inclusive no âmbito das ciências sociais. Como bem coloca a autora:

Em decorrência deste processo de branqueamento empreendido por editoras e, em última instância, pelos cânones acadêmico-literários, em muitos casos não possamos conhecer ou até mesmo reconhecer os trabalhos e trajetórias de pesquisadores negros, justamente por uma política de exclusão e invisibilização de suas atuações. Ao manter viva toda essa organização, tornou-se um infeliz hábito ouvir de professores a narrativa falaciosa de que não houve pesquisadores negros nas ciências sociais no século XX, fato que corrobora muitas vezes com a falta de conhecimento de pesquisadores ou sua escolha em manter-se inerte as produções negras.” (Silva, 2021: p. 46).

A perspectiva de que a trajetória individual e o contexto social do cientista interferem em sua pesquisa é central no trabalho de Gabriela da Costa Silva. Desta forma, a escolha pela feitura de uma sociobiografia possibilita a compreensão da trajetória de Virgínia Bicudo, através do resgate da história de seus familiares, a construção de sua identidade, os desafios que enfrentou enquanto mulher negra e os paralelos entre sua jornada e o surgimento da sociologia brasileira.

Dentro do mito do conhecimento objetivo na sociologia, a produção acadêmica não precisa ter compromisso com um projeto de mundo. Para Gabriela, não há sentido em navegar por esse cânone: “Ainda que haja uma discussão profunda a ser feita no cerne da sociologia e em seus respectivos cânones, aqui pretende-se formular uma narrativa de vida, aqui Virgínia, será a negra vida.” (p. 12). A trajetória individual e o trabalho intelectual não podem ser completamente dissociados, uma vez que as subjetividades interferem diretamente no resultado da pesquisa.

A pesquisa que motivou a escrita do TCC da autora partiu de um lugar de identificação com Virgínia. Aqui, a identificação e a experiência sensível são motor de um fazer científico ético e comprometido:

Eu tinha um vínculo muito grande com ela, porque ela foi uma mulher negra, fruto de uma família inteira. Ela também era do interior de São Paulo, eu sou interseção Brasília São Paulo, e eu pensava assim: nossa história é muito parecida. E eu decidi fazer uma sociobiografia (...)Então eu acho que esse foi um pouco meu encontro... foi muito pessoal assim, tanto que eu acho que depois disso eu parei de acreditar que a gente não mobiliza o que é pessoal e subjetivo na pesquisa.” (Gabriela da Costa Silva, entrevista realizada em 2024).

O trabalho de Gabriela da Costa Silva propõe um resgate do passado como estratégia para pensar em futuros possíveis. Rompendo com a oposição entre ancestralidade e futuro, é possível vislumbrar um futuro ancestral (Krenak, 2022). O progresso não é um lugar de distanciamento do passado e da ancestralidade, mas

de busca por formas de produção da realidade pautadas nas figuras, epistemologias e caminhos daqueles que já foram.

O movimento de abraçar uma pesquisa participante pode ser visto como estratégia para confrontar o cânone acadêmico, de modo a rejeitar o modelo de pesquisador/a imparcial e objetivo/a, que sempre foi negado a mulheres, pessoas negras e qualquer sujeito que se situa fora do modelo de corponormatividade. Historicamente, as perspectivas destes corpos marginalizados foram rotuladas como excessivamente informais, quando buscavam produzir conhecimento acessível; contaminadas por subjetividades, pois somente o ponto de vista do homem branco era visto como objetivo; prejudicadas pelo emocional e insuficientemente eruditas, uma vez que suas referências e vivências fugiam do estabelecido pela elite acadêmica.

Considerações finais

A realização de pesquisas voltadas à avaliação da implementação das políticas de ações afirmativas é de grande importância para a luta pelo acesso a instituições públicas de ensino superior. Nesse sentido, os desafios para dessenhizar a academia (Bernardino-Costa & Borges, 2021; Borges & Bernardino-Costa, 2022) não se encerram com o ingresso.

A diversificação do corpo discente ainda não se refletiu em transformações proporcionais nos componentes curriculares, planos de ensino, metodologia, docentes e autores trazidos para dentro da academia. Nesse sentido, ainda persiste uma força colonizadora nos espaços de produção de conhecimento, impondo-se o embranquecimento e a absorção dos valores coloniais como única possibilidade de humanização para os corpos dissidentes (Fanon, 2008: 107).

As contribuições de nossas interlocutoras, assim como as de todos os estudantes que ingressaram na Universidade por meio da política de cotas, transformaram a realidade do espaço acadêmico. A diversidade epistêmica passa a ser cultivada nos espaços das universidades e as discussões dentro e fora de sala de aula ganham novas perspectivas e, conseqüentemente, maior profundidade. Observa-se a diversidade epistêmica como fato essencial para a construção de uma universidade de qualidade.

Embora num ritmo aquém do desejado, essa diversidade epistêmica se faz presente nas nossas universidades – mais no corpo discente do que no corpo docente –, uma vez que a política de igualdade racial e diversificação racial ainda não tem se materializado, conforme prevê, por exemplo, a lei de cotas no serviço público (Cf. Mello & Pereira, 2019). Todavia, este lento processo tem sido constatado e percebido por diversos pesquisadores (Bernardino-Costa & Borges, 2021; Borges & Bernardino-Costa, 2022; Bernardino-Costa, 2023).

Importante destacar que o que chamamos aqui de diversidade epistêmica não é uma simples diversidade de corpos nas universidades. Embora inquestionavelmente fundamental a presença de estudantes indígenas, periféricos, negros, quilombolas etc., a mera presença não é suficiente. A presença destes estudantes sem mudar o contexto da conversação, pode ser entendida apenas como uma política de apaziguamento da pressão por uma universidade mais inclusiva. Em outras palavras, pode ser englobada numa lógica do multiculturalismo liberal, em que a presença de corpos negros, indígenas, quilombolas etc. apenas sirva para demonstrar como o capitalismo liberal é positivo, uma vez que populações outrora excluídas, estão sendo contempladas.

A questão política de longo prazo é outra, a saber, a necessidade da diversidade epistêmica vir acompanhada de uma mudança nos termos da conversação, ou seja, que haja uma desestabilização da lógica colonial que ainda está presente nas nossas universidades e na nossa sociedade. Neste sentido, a esperança é que haja múltiplos deslocamentos: deslocamento produzido pelo fluxo da entrada de um corpo estudantil e docente diverso nas universidades e também outros deslocamentos em que os valores e elementos centrais da colonialidade sejam desestabilizados, havendo verdadeiramente uma diversidade epistêmica (Stuart Hall, 2003). É esta diversidade epistêmica radical que foi nomeada em outra ocasião como dessenhoreização das universidades (Bernardino-Costa & Borges, 2021; Bernardino-Costa, 2023).

Nesse sentido, é de suma importância o monitoramento, avaliação e fortalecimento das políticas de ações afirmativas, garantindo aos estudantes dos mais diversos contextos o acesso à universidade e a permanência, dignidade, acesso a produções e perspectivas para além do cânone branco e masculino. Vale ressaltar, portanto, a ainda escassa presença de estudantes negros, indígenas, quilombolas, PCDs nos programas de pós-graduação e na docência das universidades brasileiras.

Sendo a Universidade de Brasília uma instituição federal pioneira na implementação de cotas e impulsionadora do debate das ações afirmativas a nível nacional, é de suma importância discutir a promoção da diversidade e inclusão no corpo docente e nos cursos de mestrado, doutorado e especialização. Nesse contexto, a implementação de cotas e criação de vagas adicionais para pesquisadores/as com diferentes trajetórias e experiências de vida representam um grande avanço, gerando o enfrentamento da universidade supostamente asséptica.

A superação da exclusão e marginalização sistemática de corpos só será possível através do debate e ação coletiva, buscando novas referências, realizando uma formação decolonial e agindo contra toda e qualquer forma de opressão. Nesse contexto, espaços como as universidades são lócus privilegiados para a realização de tais discussões e a ação política nesses espaços deve ser defendida.

Referências

BANIWA, Braulina. **O desafio sociocultural de mulheres Baniwa na contemporaneidade**: análise e reflexão sobre as práticas de saberes indígenas, formação, educação e cuidado com o corpo. Brasília: UnB, 2018.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. **Política afirmativa, democratização do acesso à universidade e propostas de avaliação**. *Ciência & Cultura*, V. 75, n. 1, p. 1-9, 2023.

BERNARDINO-COSTA, Joaze.; BORGES, Antonádia. Um Projeto Decolonial Antirracista: Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília. **Educação & Sociedade**, v. 42, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.253119> . Acesso em 27 de dezembro de 2024.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; BORGES, Antonádia.; FERREIRA, Maria Aparecida Chagas; CARLOS, Gabriella da Conceição. Radiografia das Políticas de Ação Afirmativa na Pós-Graduação das Universidades Federais. Dados: **Revista de Ciências Sociais**, 67 (3), p. 1-48, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/dados.2024.67.3.323>. Acesso em 27 de dezembro de 2024.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). **Decoloniabilidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BORGES, A; BERNARDINO-COSTA, J. **Dessenhorizar a universidade**: 10 anos da lei 12.711, ação afirmativa e outras experiências . *Mana*, v. 28, n. 3, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-49442022v28n3a0400> . Acesso em 27 de dezembro de 2024.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa. *In*: Brandão, Carlos Rodrigues (Ed.), **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, p. 34-41, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart. A questão multicultural. *In*: Liv S. (org.) **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, EdUFMG, p. 51-100, 2003.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MELLO, Luiz. & RESENDE, Ubiratan Pereira de. Concursos públicos para docentes de universidades federais na perspectiva da Lei 12.990/2014: desafios à reserva de vagas para candidatos/as negros/as. **Revista Sociedade e Estado**, v. 34, n.1, p. 161-184, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-201934010007>. Acesso em 27 de dezembro de 2024.

SANTANA, Beatriz Ester Mendes. **Saúde Reprodutiva e Gênero**: Levantamento Bibliográfico de Produções Sobre Mulheres em Gestação de Alto Risco. UnB, 2023.

SILVA, Gabriela da Costa. **Pioneirismo e Memória**: uma sociobiografia da socióloga negra Virgínia Leone Bicudo. UnB, 2021.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Discografia

ARAGÃO, Jorge. Identidade. *In*: **Chorando estrelas**. [S.l.]: RGE, 1992. LP. Faixa 10. Disponível em: <https://youtu.be/FT6txAqRfok?si=BeL0GuzZynXjlk5D>. Acesso em 27 de dezembro de 2024.

EMICIDA. Ismália part. Larissa Luz & Fernanda Montenegro. *In*: **AmarElo São Paulo**: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/4pBp8hRmynI?si=99vY2zy-n-Zohnwfn>. Acesso em 27 de dezembro de 2024.

FLOW, Brisa. Fique Viva. *In*: **Selvagem Como o Vento**, São Paulo, independente, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/wRUzUsTdW0o?si=N7hoZazMFK2N0y4D>. Acesso em 27 de dezembro de 2024.

PURO SUCO. Ogunhê Prod. BeatdoMK. *In*: **Ogunhê**. Brasília, independente, 2020. Disponível em: https://youtu.be/GVimTXZ23Xk?si=h9NOExgj_WwDbAHH. Acesso em 27 de dezembro de 2024.